# Aula Sobre as Origens e a Natureza da Moeda

Professor Fabiano Abranches Silva Dalto
Departamento de Economia da UFPR
Disciplina Economia Monetária e Financeira

**Textos utilizados:**

Menger, Carl. **Princípios de Economia Política**. 1988 (Os Economistas), *Capítulo 8: A Doutrina sobre o Dinheiro*

Wray, L Randall. **Trabalho e Moeda Hoje**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. *Capítulo 3: Uma Introdução à História da Moeda*.

# VISÕES ALTERNATIVAS DA ORIGEM E NATUREZA DA MOEDA

- Menger e a Moeda como Redutor dos Custos de Transação: Meio de Troca
- Moeda emerge do comportamento individualista dos agentes econômicos que buscam apenas seus próprios interesses
- Cartalismo: A Moeda como criatura do Estado
- Moeda nasce das relações de dívida e crédito. O Estado tem papel fundamental nisso ao impor tributos e definir a forma pela qual os súditos/cidadãos podem se livrar dessas dívidas

**Origem e Natureza do Dinheiro:**
**1. Moeda como um meio de troca**

•Menger argumenta que nas sociedades primitivas a troca visando os valores de uso a serem adquiridos satisfaziam os produtores sem a necessidade de uma moeda;

•Sociedades mais avançadas, em que as trocas se complexificam, o escambo (troca da mercadoria A pela mercadoria B e vice-versa) imporia limitações ao desenvolvimento do comércio, pois "não é difícil entender que, em tais condições, o número de permutas efetivamente realizadas será necessariamente reduzido" p.373

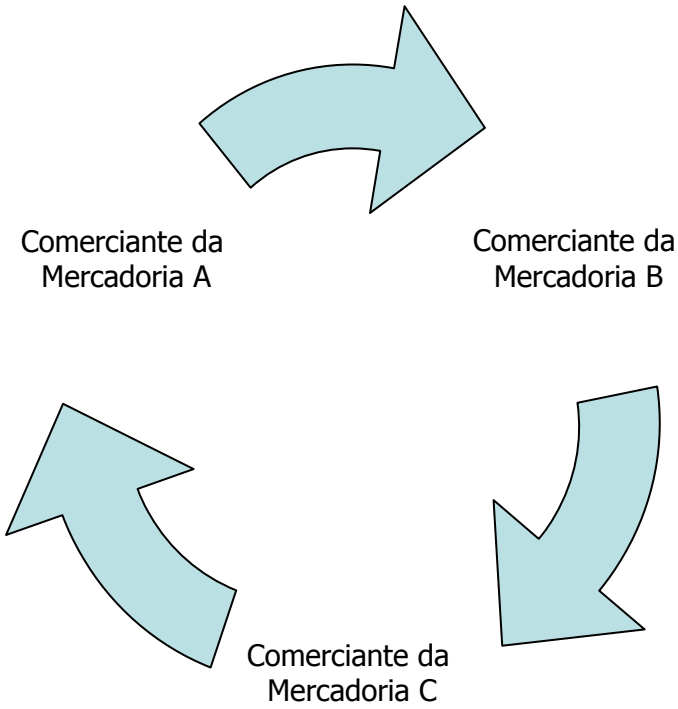
# Dupla coincidência de desejos

- "É muito raro acontecer que, simultaneamente, um bem apresente (na posse de alguém) valor de uso inferior ao de outro bem (na posse de outra pessoa) e suceder que, para esta última, se observe a relação inversa; mesmo que isto aconteça, muito mais raramente sucede que, dessas duas pessoas, uma encontre a outra e vice-versa."p.373;

- "Essa dificuldade seria insuperável (*custos de transação elevasdíssimos, FD*), ..., **se pela própria natureza das coisas e sem prévio acordo entre os homens**, **ou sem nenhuma coação estatal**, não se tivesse encontrado um meio de levar todos a um estado de coisas no qual o mencionado impasse fosse totalmente superado".p.374

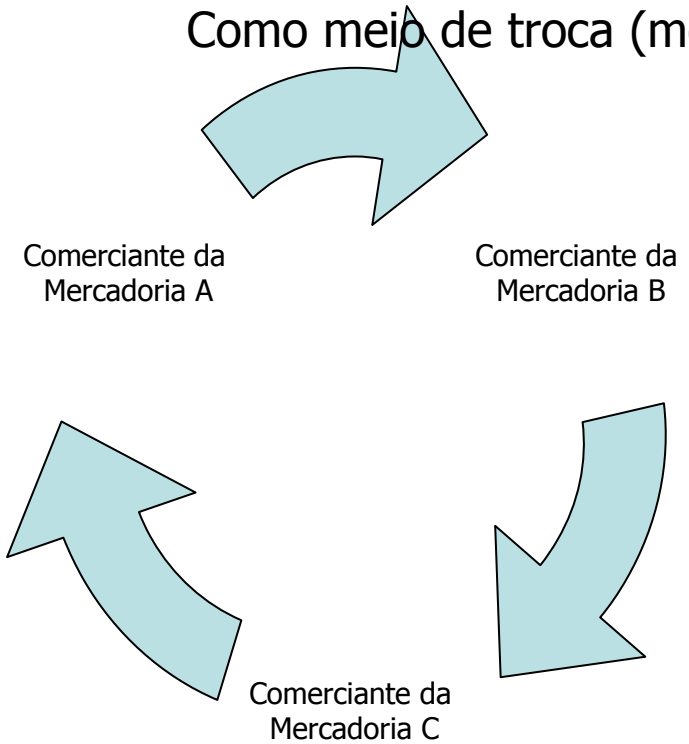
# Dupla Coincidência Resolvida pelo Meio de Troca (moeda)

Inexistência de Possibilidade de Trocas
ou Existência Muito Limitada à Coincidência




Escambo – Trocas Diretas

Se Comerciante A aceita a Mercadoria C e usa-a na Troca por B, C constitui-se Como meio de troca (moeda)




Economia com Uso de Moeda
Trocas Indiretas

# A Solução Harmônica e Não Consensual do Mercado

- Segundo Menger a natureza econômica dos esforços dos homens, em qualquer sociedade, é sempre de atuar em busca de seu objetivo último que é o atendimento direto dos próprios interesses;

- A moeda, o meio de troca, reduz os custos de transação e aumenta a capacidade de troca dos indivíduos;

- "... O interesse econômico de cada indivíduo que, aumentando nesse indivíduo a consciência desse *interesse* próprio e pessoal – e *sem que haja qualquer acordo ou coerção legal, nem mesmo qualquer consideração de interesse público* –, o que leva a trocar suas mercadorias por outras mercadorias mais vendáveis, mesmo não necessitando diretamente destas para uso pessoal..."p.375

## A Origem da Moeda é um resultado Natural da busca Individual pelo Próprio Interesse e não fruto da Ação Coercitiva do Estado

- Menger considera o *costume*, não a coerção nem o consenso, como elemento central da explicação da *origem* do dinheiro;

- "Eis porque o exercício e o hábito certamente contribuiram muito para transformar as respectivas mercadorias de maior vendabilidade em mercadorias que, aos poucos, passaram a ser aceitas em troca de outras não por muitos, mas por todos os indivíduos."p.376

- "No domínio estatal também é inegável, se bem que reduzida, a contribuição da ordem jurídica para o estabelecimento do caráter monetário das mercadorias. A *origem do dinheiro* (distinto da moeda, simples modalidade deste) e, como vimos, bem mais natural e para a mesma apenas raramente contribui algum fator de ordem jurídica. O dinheiro não é intervenção do Estado, nem resultado de ato legislativo; portanto, sua sanção por parte da autoridade estatal é totalmente alheia ao conceito de dinheiro. Também a adoção de determinadas mercadorias como dinheiro teve sua origem em um processo natural a partir das condições econômicas existentes, sem que houvesse necessidade de interferência do Estado nesse processo."p.377

Segundo Menger,

“O dinheiro não é produto da convenção dos homens engajados em atividades econômicas, nem um produto resultante de atos legislativos. O dinheiro não é uma invenção dos povos. Foram indivíduos, membros de um povo, que, aumentando a consciência de seus interesses econômicos, adquiriram também a consciência de que a troca de mercadorias menos vendáveis por aquelas mais vendáveis representa progresso notável na busca de seus interesses econômicos específicos, e assim surgiu o dinheiro em numerosos centros culturais independentes entre si, acompanhando o desenvolvimento progressivo da economia.”p.378

# Determinantes da Vendabilidade das Mercadorias

- A vendabilidade de uma mercadoria, isto é, a "maior ou menor facilidade que um proprietário tem em vender suas mercadorias a preços econômicos"(Menger, p.370) é o determinante da escolha de qual mercadoria se transforma em meio de troca;

- Os limites da vendabilidade das mercadorias, segundo Menger, são dados pelos seguintes fatores atuando simultaneamente e reforçadamente:

1. Extensão dos mercados dessa mercadoria, determinada em termos de pessoas, da demanda pela mercadoria e pela territorialidade;

2. Tempo em que a mercadoria pode ser vendida, determinada pela durabilidade da mercadoria e pelos custos de armazenagem da mercadoria;

3. A organização dos mercados: quanto mais organizados forem os mercados de uma mercadoria, maior deverá ser a extensão de seus mercados (pessoas, demanda e territorialidade) e menores os custos de armazenagem.

O grau de vendabilidade das mercadorias está então associado à estabilidade e extensão da demanda pela mercadoria, à agilidade de sua transação sem perdas de valor (p.367);

Em suma, a mercadoria que adquire as funções de dinheiro é aquela de maior vendabilidade. As razões da maior vendabilidade de uma mercadoria estão no “vasto círculo de pessoas que tem necessidade desse bem, nos amplos limites da vendabilidade dessa mercadoria (sob o aspecto do espaço, do tempo e da quantidade); estão também na boa organização do mercado existente para essa mercadoria e, ainda, na intensa especulação de que a mesma é objeto” (p.370)

# As demais funções do dinheiro: medida de valor e reserva de valor

- Para Menger não se pode dizer que o dinheiro serve como medidor de valores, mas que se presta melhor as avaliações dos valores (de troca) que permitem a consecução das trocas;

"…toda teoria…segunda a qual o dinheiro constitui o 'parâmetro do valor de troca', rui por terra, pois o fundamento da mesma é pura ficção, um erro."(p.385)

- Da mesma forma, Menger considera errônea a idéia de que o dinheiro serve como reserva de valor entre presente e futuro;

"…deve-se considerar errônea a tese que atribui ao *dinheiro*, como tal, também a função de transferir 'valores' do presente para o futuro; pois, embora o dinheiro-metal (em razão de sua durabilidade, do baixo custo de conservação etc) possa também servir para esse fim, é manifesto que outras mercadorias tem maior aptidão para isso."(p.388)

- "Resumindo o exposto, concluimos que a mercadoria transformada em dinheiro …é, ao mesmo tempo, aquela que melhor se presta para a avaliação dos objetivos práticos das pessoas economicamente ativas e, ao mesmo tempo, para a comercialização dos estoques de mercadorias destinadas à permuta; do exposto conclui-se também que o *dinheiro-metal* atende de fato e em alto grau a essas finalidades. **Todavia, parece-nos igualmente certo que *ao dinheiro como tal* não se pode atribuir a função de "parâmetro de valor" e de "conservador de valores", pois essas características são de natureza acidental, não estando contidas intrinsecamente no próprio conceito de dinheiro**".p.388

## O Estado como um conveniente guardião da lizura dos processos econômicos

- “Os principais incovenientes da utilização dos metais para fins de dinheiro são as dificuldades em se constatar a autenticidade dos metais e seu grau de pureza, além da necessidade de se transformar esses materiais de alta tenacidade em peças convenientes para todas as transações correntes.”pp.388-389

- “Não ha como negar que a melhor garantia em relação ao peso e a composição das moedas é aquela que o Estado pode oferecer, porque essa autoridade é de todos conhecida e por todos reconhecida, e, ao mesmo tempo, o Estado tem condições de coibir e punir crimes no tocante a essa matéria.”p.390

## Críticas à Visão "Moeda Meio de Troca" como originária do dinheiro

- Deve-se reconhecer que a metodologia evolucionária adotada por Menger nos dá importantes *insights* sobre a emergência de uma economia monetária;

- O conteúdo dessa evolução, entretanto, sofre de alguns problemas teóricos e históricos como, por exemplo:

a) Para perceberem que haveria algum ganho econômico (redução dos custos de transação) de sair de uma economia não-monetária para uma economia monetária os indivíduos deveriam antes de mais nada ter como observar uma economia monetária funcionando. As reduções de custos de transação só deveriam ocorrer se já houvesse uma certa escala de transações com algum meio de troca para que outros fossem induzidos a aderir a esse mecanismo. A pura e simples observação de muitos fazendo transações sem um meio de troca poderia induzir as pessoas a pensar que essa seria uma forma mais econômica de proceder;

b) Além disso, para realizar trocas e perceber os valores de troca entre as mercadorias, inclusive com o instrumento monetário, é necessário que um meio comum de mensuração já existisse. Como não é possível mensurar valores de uso diferentes entre diferentes agentes, a moeda unidade de conta deve existir desde o início na valorização das mercadorias, do contrário tornaria impossível a própria existência de um equivalente geral;

c) Se, de fato, a troca depende da confiança entre os agentes e se, de fato, a confiança no meio de troca depende das garantias do Estado, não se pode negligenciar a importância do Estado na emergência da moeda. Isto é, mesmo na abstração de Menger há que se definir como os agentes confiaram uns nos outros na relação de trocas antes de haver um Estado para garantir as lizura do processo. Há também que se responder porque depois que o processo já havia se instaurado sem um Estado, este se torna necessário.

## Falta de Evidências Históricas para dar Suporte à Teoria do Meio de Troca

- O comércio era principalmente baseado nas relações de crédito e débito, portanto, nas relações de propriedade e símbolos de riqueza; por exemplo, as talhas, pedaços de cobre e tabuletas de argila.

- As feiras européias nesta interpretação eram camaras de compensação de dívidas em que o comércio ocorria apenas como um sub-produto. Nas feiras, os instrumentos monetários, representativos das dívidas como as talhas, podiam ser transferidos ou quitados sem o intermédio de moedas;

- Estas relações de débito e crédito em talhas de argila seriam 2000 anos mais antigas do que as primeiras moedas-mercadorias conhecidas;

- Os instrumentos monetários denominavam valores muito elevados, de forma que seu uso para o comércio varejista deveria ser pouco prático;

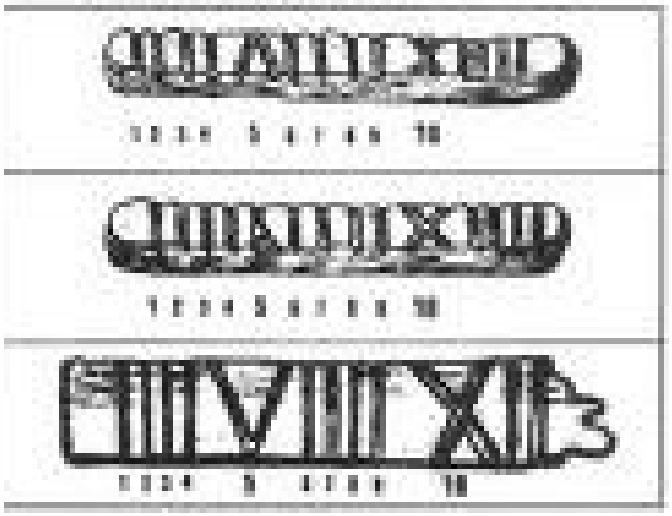
- O valor da moeda não seria regulado pelo conteúdo de metal precioso. Era necessário que a moeda pudesse valer monetariamente mais do que o metal para que as pessoas não a fundissem;

- O comércio floresceu em lugares em que a moeda não era usada, por exemplo, a Fenícia;

- Só recentemente as moedas unidades de conta nacionais foram unificadas pela ação estatal. Em geral, os usuários de moeda eram confrontados com uma diversidade enorme de moedas com peso e purificação bem diversificadas;

Redução dos Custos de Transação????

# Talhas e o “Banqueiro”



# Tabuletas de Argila da Babilônia

A moeda na verdade não era bem aceita pelos usuários sendo “frequentemente necessário impor ‘legislação forçando a população a usar moeda; se ela se recusasse, ficaria exposta a severas penalidades, uma pesada multa se fossem homens livres, ou o açoite se não o fossem” (Grierson *apud* Wray p.64)

- Finalmente, a moeda de crédito não se desenvolveu após a moeda-mercadoria, portanto, não é um modo de economizar em metais preciosos.

"Em outras palavras, alternativas de baixo custo à moeda plena  já estavam em uso..." de forma que "...é improvável que moedas de metal fossem emitidas para circular em competição (por exemplo, com talhas de aveleira), a menos que seu valor nominal estivesse bem acima do valor do metal precioso contido" (p.64)

“Resumidamente, não há nenhuma evidência de que os mercados operaram numa base de escambo, …, não há nenhuma evidência de que ‘diferentes mercadorias’ tenham mudado de mãos como meios de troca (isto é, para comprar mercadorias no mercado), não há nenhuma evidência de que o valor das moedas primitivas fosse denominado por um certo peso fixo de metais preciosos, e não há nenhuma evidência de que o crédito tenha se desenvolvido como um substituto ‘capaz de economizar’ moedas de metal precioso como meio de troca”.p.60

## 2. A Visão Chartalista da Moeda ou da Moeda como Criatura do Estado:
## Moeda como Pagamento de Dívidas do Estado

- Na visão Chartalista a moeda é uma criatura do estado, isto é, elas foram emitidas em pagamento de serviços prestados por soldados e marinheiros. Estes, por seu turno, a aceitavam porque precisavam pagar impostos devidos ao Estado;

- Claro, o Estado impunha os impostos para obrigar as pessoas a trabalharem para ele;

- Assim, *"a chave (para entender a moeda) é a dívida, e especificamente, a capacidade do Estado de impor uma dívida tributária sobre seus súditos; uma vez que tenha feito isso, pode escolher a forma na qual os súditos podem "pagar" o tributo."* Wray, p.67

- A adoção de uma determinada unidade de conta para representar as dívidas, serviam para padronizar a contabilidade de entradas e saídas, créditos e débitos governamentais com seus servidores e súditos;

- Em geral as denominações monetárias mais antigas que temos hoje se referem ao peso das dívidas em trigo e não ao peso em ouro da moeda original. Na verdade, o valor monetário do ouro, quando o ouro era o padrão monetário, é que era denominado em peso em trigo ou cevada.

- Desta forma, as evidências mostram que o dinheiro não surgiu da necessidade de realizar trocas mas de estabelecer um padrão de medida, uma unidade de conta, e um meio de pagamento de dívidas;

- Por isto é que existiram diversas formas de padrão monetário numa mesma época e mesma sociedade. A unidade de mensuração e pagamento das dívidas eram determinadas entre credores e devedores conforme o tipo de produto produzido pelos devedores;

- O comércio surge, em parte, em função de alguns devedores terem de pagar em unidades de conta (moedas) que eles não produziam. Os mercados são resultado da imposição do tributo pelo estado. Surgem da necessidade de se encontrar os meios para se livrar da dívida ou para evitá-las;

- Agentes especiais, como templos, que faziam a compensação de dívidas entre os indivíduos, passam a poder emprestar os meios de liquidação da dívida com o estado e as dívidas em geral a quem não possui. (o estado pode reconhecer as dívidas particulares desses agentes no pagamento de tributos tornando suas dívidas em equivalentes da dívida do estado);

- A evidências da constituição de uma economia monetária em colônias européias na África mostram que a moeda tem sido um artefato de dominação na medida em que força os colonizados a prestarem serviços e seguirem as ordens dos colonizadores;

- Seja qual for que tenha sido a origem do dinheiro, a visão cartalista afirma que a moeda moderna é aquela em que o estado determina em que ele receberá seus impostos.

# Questões preliminares

- Quais as conseqüências das duas visões para o funcionamento de uma economia monetária?

- Como o dinheiro afeta o funcionamento da economia?